

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

THIAGO ALVARINO DOS SANTOS

O RETORNO AOS VALORES

ANAPOLIS - GO
2016

THIAGO ALVARINO DOS SANTOS

O RETORNO AOS VALORES

Monografia final apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de graduado em Filosofia, sob a orientação do Prof^a Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

ANAPOLIS - GO
2016

AVALIAÇÃO

Prof. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa
Orientador

07 de Abril de 2016

Agradeço ao bondoso Deus, pela graça da vocação e do chamado à vida sacerdotal.

À minha família, que tem sido grande força e sustentáculo nessa busca incansável pelo céu.

*“O esplendor do verdadeiro Deus jorra
Com ímpeto sobre nós e por nosso intermédio,
mediante uma vida moral arraigada em sua
Misericórdia. O esplendor da vida ética, a ser
Vivido e a ser dito ao mundo atual, brota do
olhar do Pai que vê e ama, no segredo do
coração, aqueles que se deixam atrair por ele e
tentam com todo o seu ser, com suas
fragilidades, deixar-se invadir por sua
admirável bondade”.*

Jean Desclos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I- A MORAL E OS VALOTES	08
1.1- A real existência de uma moral universal	08
1.1.1 – Lei Moral Natural.....	08
1.1.2 – Consciência Moral.....	09
1.1.3 – Natureza Humana.....	09
1.1.4 – Liberdade.....	10
1.2- Os valores fundamentados na moral	11
1.3- Os valores perenes e transitórios	12
CAPÍTULO II- A SOCIEDADE HODIERNA E SUA RELAÇÃO COM OS VALORES PERENES	15
2.1- A modernidade e seus falsos avanços	15
2.2- O que a sociedade dita a respeito da família, religião e Liberdade	16
2.2.1- Família.....	17
2.2.2- Religião.....	19
2.2.3- Liberdade.....	21
2.3- Os frutos da falta de valores	23
CAPÍTULO III- A NECESSIDADE DO RETORNO AOS VALORES PERENES E SÓLIDOS	26
3.1- Tomar consciência e reedificar os valores	26
3.2- Reedificar os valores a partir do amor e da verdade	27
3.3- Os valores que nos encaminham para Deus	29
CONCLUSÃO	33
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

Mais uma vez se iniciou um grande e desafiador trabalho: falar sobre a realidade moral subjacente nos moldes viventes da sociedade hodierna.

Neste intento filosófico, permeado de elucidações sobre a moralidade, sobre os valores, sobre a vivência dos mesmos e sua decadência, as expectativas se tornam cada vez maiores no sentido de se estar fazendo algo, nem tanto para mudar a realidade social, mas para que uma entra tantas consciências se amenize, se acalente e se acalme, pois teve a oportunidade de dizer algo a respeito de toda essa realidade.

Este é um audacioso trabalho filosófico a respeito da moral social que tem como escopo entender a realidade moral, ver sua crise de valores, e depois, efetuar o repasse das mesmas conclusões, para que outros também tomem consciência da real situação e se incomodem com tudo isso, e tentem fazer algo a mais. Uma vez estando clara a crise dos valores, partiremos para argumentos sólidos que nos direcionem na busca pelo retorno aos princípios, retomar novamente os fundamentos dos valores morais, até então esquecidos, conduzindo a humanidade, de modo seguro e verdadeiro, ao encontro com o bem.

É inquietante ver cotidianamente em nossas TVs, jornais, revistas, documentários, a pungente falta de moral e esquecimento dos valores fundamentais para uma boa vivência social e com o próprio eu. Em todos os cantos e becos, se vê, se fala, se ouve casos de completa barbaridade e desrespeito à pessoa humana. Costumeiramente ouvimos “aonde vai parar tudo isso?”, e mais do que isso, nos perguntamos: “a humanidade tem solução?”.

Se os crimes andam à solta, se o desrespeito, a falsidade, as ignomínias, as pérfidas ações estão em voga, é porque a sociedade ou está se acostumando com tudo isso ou não sabe como reverter esse quadro nefasto.

Nessas linhas estarão impressas algumas ideias, fruto de leituras, pesquisas e constatações na própria realidade, que evidenciarão o problema moral e despertará a sociedade para o retorno aos verdadeiros fundamentais valores por nossa sociedade esquecidos e desmerecidos.

Ao nos depararmos com este trabalho, poderemos tomar consciência da real situação social e mediante essa contemplação, percebermos que a humanidade deve repensar sua escala de valores, seus moldes viventes. Esse trabalho é um meio pelo qual, muitos poderão assumir um novo papel na sociedade, pois estes estarão lutando contra uma doença que se

alastra, que permeia toda a rede social e que faz do homem um ser errante, sem fundamentos sólidos nos quais pode se ancorar, possibilitando assim sua maior realização.

Ao percebermos que ainda há pessoas preocupadas com a vivência dos valores construtivos, poderemos unir forças e dessa forma não pautarmos nossos sonhos de um modo melhor em simples utopias, mas em certezas e verdades: o homem está aqui para ser feliz, se encontrar, se relacionar harmoniosamente com os demais e poder se encontrar com o objeto de sua espiritualidade, Deus.

CAPÍTULO I

A MORAL E OS VALORES

1.1 A real existência de uma moral universal

Sendo o ser humano um animal racional e dotado de vontade, ele passa a pertencer a um grupo bastante peculiar, é um ser portador de moralidade. Mediante os atributos próprios de sua humanidade, cada indivíduo, cada ser humano carrega consigo a capacidade de julgar seus atos como sendo lícitos ou ilícitos, se estão de acordo com a verdade ou se é pautada na mentira, enfim, se está indo de acordo com o Bem ou permanece velada pelo véu do mal.

Diante desse quadro introdutório, nos perguntamos com muita razão, sobre a real existência de uma lei moral ou de princípios morais capazes de conduzir o homem na sua busca pelo bem e por realização pessoal.

Tenho em vista as características peculiares do homem poderemos realizar um caminho ascendente, onde partiremos dessa particularidade do homem até chegarmos ao ponto que nos intriga e inquieta. Nesse processo ascendente, perceberemos os requisitos necessários para se compreender a possibilidade da existência de uma moral universal, que se baseia em princípio como: lei moral natural, consciência moral, natureza humana e liberdade, requisitos esses que iremos sequencialmente explicar.

1.1.1 Lei moral natural

O homem possui intrinsecamente uma lei que o faz caminhar para o bem e para a verdade, e é esta mesma consciência que o impele a realizar o bem e se afugentar do mal. Isso é tão natural que parece ser ditado a todas as pessoas, em todas as épocas e momentos históricos. A essa lei interior chamamos de lei moral natural, inscrita pelo criador, e que dá ao homem a graça de seguir caminhando no caminho do bem, com disposições que lhes são próprias e não alheias, não desconhecidas. O homem, graças a sua consciência, sabe analisar seus atos e perceber a real adequação da ação com os princípios do bem e da verdade.

Esse inicial pressuposto já nos coloca no caminho, que nos fará chegar até a consciência de uma moral universal.

1.1.2 Consciência Moral

Outro ponto necessário a ser abordado é a própria consciência do homem, que gerencia e governa toda a ação humana. A própria razão, imbuída de sanidade e retidão, dita ao homem, de forma prática e moral, como realizar as ações cotidianas, e essa mesma consciência, caracterizada como consciência moral, ao se depara com um fato inusitado de injustiça e desrespeito, impele o próprio agente a se retratar, pois esta mesma consciência se baseia no senso da verdade, virtude e retidão.

Não lhe apraz e não lhe proporciona deleite, atitudes contrárias a promoção da dignidade da pessoa humana, sendo assim, fica claro e evidente a moção natural do homem em promover o bem e evitar o mal, decorrente de uma lei natural impressa ao homem, ditando ao próprio homem uma necessidade de agir virtuosamente. A consciência moral, como esse grande tribunal inquisidor, norteia a ação para o bem do homem e para sua realização pessoal, de modo a não ferir a liberdade do outro, que sendo também um ser dotado de consciência possui seus limites e suas necessidades, também voltadas para o bem e para a verdade.

1.1.3 Natureza Humana

Outro ponto que se segue esse caminho árduo, é admitirmos a existência de uma natureza humana. Todos os homens são constituídos de racionalidade e vontade, portanto, são capazes de deliberar seus atos, pois os conhece e tem domínio sobre eles. Pelo fato evidente de todos os homens possuírem essa característica peculiar e primordial, consideramos que esse mesmo homem, ou seja, que toda a humanidade pertence a uma só natureza, a natureza humana. Mesmo diferindo na raça, na nacionalidade, nos moldes culturais, os homens não podem ser uns racionais e outros irracionais. Todos são essencialmente constituídos de alma racional e corpo material, daí a participação de capacidade cognitiva por deficiência física ou algum acidente, em sua constituição ontológica, todos eram aptos potencialmente para exercerem as capacidades cognitivas e volitivas, então, mais uma prova da participação de todos de uma mesma e só natureza.

Pelo fato dos homens compartilharem entre si essa mesma natureza, cabe a cada um levar em consideração a pessoa do outro, no que tange a busca pela realização pessoal.

Embasado na existência da natureza humana, percebemos que a humanidade permanece mergulhada num senso comum de “bem”, entendendo esse bem como promoção da pessoa e realização pessoal, como também o senso de justiça que alcança todos os demais integrantes da sociedade. Todas as culturas querem isso, desejam a eudemonia máxima, ou seja, a felicidade plena do indivíduo, que nada mais é que a vivência concreta da moral, do bem e da verdade, enraizado no ser do homem, proveniente de Deus criador.

1.1.4 Liberdade

Em consonância do que falamos a respeito da natureza humana, está a liberdade, atributo indissociável da ontologia humana, e que está presente no caminhar ético. É graças a liberdade que o homem pode escolher pelo bem referente à pessoa humana, que é a dignidade da pessoa, e de modo inverso, não permanecer preso à leis positivas que possivelmente possam ir contra a essa primazia que é a pessoa humana, com seus direitos e deveres inalienáveis.

Estando essa liberdade a serviço do bem social e coletivo, nos é necessário compreender que não é uma máxima indeterminação ou mesmo capacidade ilimitada de conferir valor e sentido às pessoas e ações. É necessário distinguirmos entre liberdade e liberalismo relativista, que aleatoriamente considera valoroso qualquer ação em qualquer momento. Agir livremente é considerar o valor ontológico do ente referido, e atribuir a este mesmo ente as características próprias e peculiares. Entre a vida de uma pessoa e a sobrevivência de um animal, o homem não é livre para optar pelo animal, mas sim, é levado a preservar a vida humana pelo fato de carregar em si uma dignidade inviolável. Já para os relativistas, isso pode ser bom agora, mas minha liberdade pode querer escolher outra coisa em proporções desconformes. Isso não é atitude livre, mas sim um relativismo moral, que desconsidera o ser do ente e passa a ter como ponto de referência os interesses próprios. Para que a moral seja realmente instalada e prospere, necessário nos é fazermos as devidas considerações que gira em torno de dignidade da pessoa, da inviolabilidade de seus direitos naturais, enfim, de uma negação veemente de uma possível instrumentalização da pessoa humana.

De acordo com essas elucidações a respeito de uma moral universal, entendida como esse princípio administrador da ação do homem e que o conduz a vivência da verdade e do bem, temos em mente o ponto onde poderemos ancorar com confiança todo o nosso filosófico a respeito dos valores.

1.2 Os valores fundamentados na moral

Uma vez esclarecido a real existência da moral, de seu caráter universal, e de como conduz o homem ao bem e a verdade, partimos agora por agregar a esse conceito de moral, o estudo sobre os valores, os quais permearão todo o nosso estudo filosófico.

O centro da vida relacional do ser humano é a moral. Ela encaminha o agir humano para o progresso e crescimento de todos, de modo que as dignidades individuais sejam respeitadas e coletividade ganhe com tudo isso.

No viver social, o homem passa a descobrir os valores que evidenciam de modo mais palpável a forma de se viver o bem. Consideremos aqui não o valor econômico, aquele pelo qual o homem agregando fatores materiais como matéria-prima, mão-de-obra, maquinário, faz com que tal produto seja mais apetecível, e por isso mais valioso, mais digno de estima. O valor que iremos tratar corresponde às realidades que mais evidenciam o bem, a verdade e a satisfação do homem.

Nesse sentido, Scheler, filósofo alemão, nos orienta a respeito de uma possível hierarquização dos valores. Segundo ele, *“os critérios para a hierarquização dos valores são a maior duração, a menor divisibilidade, o fato de servirem de fundamente a outros, a maior satisfação produzida pela sua realização, a maior proximidade da sensibilidade espiritual”* (Fraga, 1989, p.396).

Seguindo esses critérios, os valores que devem ser admitidos pelo homem são justamente aqueles que possibilitam uma maior realização do ser humano, não apenas no campo físico, biológico, mas no que tange a perfeição do ser, do ôntos do homem, da sua dignidade enquanto pessoa, espírito e alma, imanência e transcendência.

Neste contexto, *“objetivamente o valor é aquilo que fundamenta uma avaliação determinante de um querer certo”* (Fraga, 1989, p. 394), assim querer algo, e se esse algo contiver essencialmente em si a certeza, ou a verdade, então pode ser enquadrado como valor, não se esquecendo que deve condizer com a verdade da moral e com a moral verdadeira.

Os valores passam então a tomar no corpo social, e ao mesmo tempo, enriquece o ser humano, possibilitando a este a atualização de suas mais variadas potencialidades.

Uma vez que esses valores são descobertos, eles gerenciam harmoniosamente todo o aparato convencional, e se o homem destituir sua vida desses valores, ou mesmo, de germes ineficazes, que acabam gerando perturbações e conflitos, pois os contra valores partem de uma realidade individualista, escravista e destituído de verdade, levando o homem a se descaracterizar-se e assumir uma roupagem de macula seu ser bom, verdadeiro e uno.

1.3 Valores perenes e transitórios

Depois de termos falado sobre a moral e os valores, partimos por elencar a necessidade de se ter em mente, de modo distinto e claro, a diferença entre valores perenes e transitórios.

Mesmo julgando a contingência desse modo matéria, suas imperfeições e limitações variadas, podemos perceber certo valores que se mantêm e se asseguram com os passar dos milênios e com o advento de vários povos e culturas, justamente por portarem em si, em si, em sua essência, uma perfeita conciliação, uma adequação com o ideal de bem e de verdadeiro.

Os valores por si mesmos engrandecem a dignidade da pessoa humana, e possibilitam à pessoa humana haurir destes frutos salutares tais como repouso e tranquilidade, o sentimento de justiça, a promoção de igualdade, enfim, meios que propiciam um alargamento na vivência do bem e da verdade. Em suma, os valores perenes são válidos para todos os povos e culturas porque são os meios pelos quais o Criador, em sua infinita sabedoria, assim o quis e que não se contradizem, de maneira alguma, com os princípios da bondade.

Paralelamente à existência de valores perenes, há os valores considerados transitórios, pois estes carregam consigo uma parcela de bem que se extinguem, ou mesmo que são superados e melhorados com o decorrer dos anos. Estes promovem o ser humano, mas essencialmente são passíveis de mudança, melhoramento. O grande risco da sociedade é justamente se apegar a esses valores passageiros e construir sobre eles uma possível confiança, e sob esse prisma, deixar de lado valores mais caros e perfeitos, como o valor da vida, da justiça, da caridade.

De modo exemplificado, passemos a entender melhor essa ligação.

Em todos os tempos da história, o homem sempre primou por uma estabilidade econômica. Com certeza, esse é um valor merecido a todos, ou mesmo, todos deveriam ter sua estabilidade econômica assegurada e tranquila. Mas se formos colocar na balança esse valor com o valor da vida, que todo ser humano possui, e que é por sinal inviolável, muitos elegem o valor econômico e não a dignidade da pessoa humana, que exige redobrada atenção e cuidado.

Em muitas famílias, a banal desculpa para se aprovar o aborto é justamente a vã desculpa da renda familiar instável. Por ser mãe solteira, não se sabe o certo se o pai vai custear, tanto a mão como o filho. Muitas celebridades abortam para não se verem ocupadas de mais com a maternidade, tendo assim que anular todos os compromissos já agendados, ou mesmo, que tal gravidez trará o corpo certas mudanças indesejáveis ao status que uma celebridade deve ter. Podendo até ser considerados como boas atitudes, ações como essas são permeadas de falsa bondade, por isso,

Não nos esforcemos, portanto, por camuflar o mal através da boa intenção, redefinindo os valores segundo os desejos de cada uma. É preciso ser lúcido e honesto, e não se permitir tolerar como bons gestos que rebaixam a dignidade da pessoa humana (Desclos, 1998, p. 28)

Enfim, escolhe-se os valores que não possuem plenitude do bem em benefício de algumas comodidades, que alguns valores perenes possam exigir certa renúncia. Mas inquestionavelmente, os valores perenes promovem, na sua totalidade, a satisfação do homem, sua realização pessoal e sua perfeição humana.

Os valores perenes não só exaltam a perfeição individual, mas salvaguardam o bem de corpo social, mantendo sua estabilidade e harmonia.

Aqui não estamos fazendo uma veemente crítica aos valores econômicos ou que beneficiam o homem fisicamente, mas devemos, em questão de escolha, rever os valores que mais se adequam com o bem e a verdade, e para bem nos ajudar nessa eleição, ou mesmo para melhor entendermos qual seria o valor que mais se adequaria à verdade e ao bem, devemos seguir a escala de fato de servirem de fundamento para outros. Dessa forma, a vida assume em grau maior de prioridade, pois se enquadra nesses requisitos que evidenciam maior importância na escala dos valores.

CAPÍTULO II

A SOCIEDADE HODIERNA E SUA RELAÇÃO COM OS VALORES PERENES

Neste capítulo nos propomos a observar e fazer algumas louváveis considerações a respeito dos tempos hodiernos no que tange a vivência da moralidade, principalmente com a relação aos valores. Mostraremos as divergências que há entre o pensamento moderno e o que os valores fundamentais nos propõem como meio para se chegar ao bem e a verdade, e evidenciaremos a crise dos valores dentro da família, religião e da liberdade humana.

2.1 A modernidade e seus falsos avanços

Depois de termos discutido a respeito da existência da moral, de sua fundamentação, da existência dos valores e sua presença no mundo, podendo ser divididos em perenes e transitórios, chegamos agora ao ponto onde verificaremos a sociedade hodierna e sua vivência moral, e sua relação com os valores.

É mister dizer que o mundo tem se modernizado. É válido considerar o grande progresso técnico e científico dos nossos tempos. Tudo é brilhante, encantador, vislumbrante aos nossos pobres olhos mortais. Tudo cresce e se desenvolve a uma velocidade inquestionável.

Juntamente com a grande ascensão técnica e científica pela qual passa o mundo de hoje, percebemos que de modo paralelo, ou até mesmo superior, há uma elevação na falta de ética, um esquecimento de valores centrais e vitais para o ser humano. “*João Paulo II amiúde repete que o progresso ético não anda par a par com o progresso técnico-científico*” (Desclos, 1998, p.24), ou seja, aquilo que antes era visto como apogeu da vida, a ética, tem sido esquecido em função do progresso, do lucro, do capital, “*mais do que nunca, nosso mundo tem fome de ética*” (Idem, p.24).

O esquecimento da moral e dos valores reside no mesmo ser humano, muito ocupado em produzir, arrebatar para si o maior número possível de bens, de riqueza e de poder. Por todos os lados se vê pessoas robotizadas, sem tempo para promover valores ou mesmo defende-los contra heresias infundadas e medíocres.

“O trabalho me espera”, é a afirmação de muitos trabalhadores de hoje, por isso deixam de lado a situação gritante de justiça na loja vizinha. A postura de empresário não é sinônimo de defensor de tantas vidas sacrificadas em clínicas de aborto espalhadas pelas nossas cidades. O status de celebridade social não dita a necessidade de desaprovar a onda crescente de moralidade que desfacela a família, ao contrário, por um considerável benefício monetário, pode-se fazer propagandas de uniões homoafetivas, divórcio e traição.

É preocupante a situação social onde a:

Ciência e a tecnologia estão cegas pelo seu sucesso. Elas chegam a justificar tudo o que realizam, atenuando a intensidade ou recusando-se terminantemente a levar em consideração as repercussões que tem sobre os seres humanos, sobre sua dignidade, sua liberdade e felicidade (Idem, p. 27)

Para que um chip de alta qualidade seja projetado e lançado nas maiores redes de mercado, não importa se a metade da população necessita unicamente de alimento, casa, hospital e escola.

Para que tal empresa cresça não importa que seus empregados tenham que passar por trabalhos quase escravo, sem direito a reivindicar os respeito a sua dignidade de ser humano.

Enfim, o olhar longemirante de uma sociedade soberba e avarenta, tem deixado a sociedade mais esfacelada a nível moral. Em função de um novo alvorecer, o tradicionalismo necessita ser excluído, mas o que não se percebe é que muitos valores construtivos estão arraigados desde muitos séculos, e por serem considerados fruto do tradicionalismo acabam sendo sufocados, como é o caso da família, da religião e da liberdade do homem.

2.2 O que a sociedade dita a respeito da família, religião e liberdade

Dentre muitos valores presentes na sociedade e na vida do homem, nos deteremos agora em avaliar estes três em particular, a saber: a família, a religião e a liberdade humana. Segundo os ditames sociais, muitos valores estão sendo esquecidos, ou mesmo desfigurados, e é a respeito disso que iremos tratar nestes seguintes pontos.

2.2.1 Família

Inicialmente podemos conceituar família como:

A célula originária da vida social. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor no dom da vida (...). A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade (CIC n 2207, 2000, p. 576).

Indubitavelmente, no sei da família é que a sociedade, os indivíduos e o homem podem tornar-se aquilo que se é: ser portador de uma ética, de uma responsabilidade, de uma sacralidade e liberdade que encaminham para a verdade e para o bem, e por fim, um ser com as máximas potencialidades para se chegar à perfeição.

É no bojo familiar que o homem dá seus primeiros passos para o crescimento físico, moral e espiritual. Se a família é a “célula originária”, sem a família, estaremos fadados à morte, ao esfacelamento, e tudo isso começa com a desestruturação de seus valores próprios, e que são inalienáveis.

A concepção moderna de família tem se tornado uma grande ameaça para a própria família. Hoje não se considera a família como a forma mais bela para que o homem e a mulher, rodeado de seus filhos, encontrem juntos a perfeição esperada, vivam uma experiência de intimidade capaz de fazer eclodir o amor que ali se vive para as demais arcas da sociedade em geral.

Dita-se hoje uma concepção escravista de família, onde tal instituição que vive unida por laços duradouros, perpetuados através do compromisso matrimonial, do amor responsável, não possui um futuro próspero. Ao contrário, permanecem escravos do imediatismo, onde o sucesso da família não está na doação, mas nas ocasiões em que esta mesma instituição se encontrar. Se passam por dificuldades, nada os impede de começar de novo de outro modo, com outras pessoas e outros princípios, ditos morais. A família não é a rocha sólida na qual todos podem se apoiar, mas se tornou o terreno pantanoso e movediço, onde pouquíssimos querem realmente assumir, pois o que se nos mostra aos olhos é uma dita “instituição falida”.

Desta concepção de família, vão surgindo problemas como:

Existência e superposição de diferentes modelos de família, novas concepções e técnicas de procriação, redução o número de filhos, (...), geram consequências como deteriorização dos valores básicos da família que desintegra a comunhão da família, eliminando a participação corresponsável de todos os seus membros e tornando-os presa fácil do divórcio e do abandono do lar (Diretório da Pastoral Familiar, 2005, p. 34).

Em prol do progresso e da vida moderna, o homem tem engendrado a família em moldes deturpados. Hoje em dia, todos os tipos de união podem ser considerados “família”: união entre homossexuais, casais que vivem separados, vivência de relacionamentos extraconjugais.

Quanto à educação dos filhos, a família não mais assume o papel central na formação dos valores e da moral, mas vão encarregando terceiros, quartos, quintos, quantos necessários, pois os pais devem ser exclusivamente para o trabalho. Aí vão surgindo os “novos educadores”: a TV, com seus programas imorais e pornográficos; alguns professores que repassam para os seus alunos a instabilidade moral que vivem dentro da casa, sem contar o relativismo religioso que vivem; a cultura do modismo, consumismo e relativismo, arraigado em todos os cantos sociais, enfim, a modernidade educa os filhos a serem fiéis guardiões do vazio existencial em que se está vivendo a sociedade.

Consideremos ainda o grande desrespeito à vida que as famílias modernas estão a propagar. Abortar se tornou algo tão comum, e até mesmo necessário, que até nossos magistrados estão por validar legalmente tal atitude. Tudo começa por aí. Matam-se crianças inocentes, abandonam-se os jovens, roubam dos adultos o trabalho que os faz homens dignos, e por fim, sobra-nos a vergonhosa eutanásia, como solução para alguns problemas sociais, ou para tornar ainda mais boçal as atitudes dos humanos, que são racionais, mas que vivem como verdadeiros e legítimos animais. Se a família não tem a coragem de proteger e preservar a vida no seu início, quando ainda está no seu estágio mais singelo e frágil, quanto menos protegerá quando puder caminhar com suas próprias pernas, evidenciando o completo descaso que o homem tem consigo.

Enfim, edificar uma família hoje é construir um castelo de areia, belo no começo, mas desastroso no seu término. Formar uma família, se casar, ser fiel ao matrimônio, ter filhos e educa-los para a verdade, tudo isso é utopia, coisa do passado, abominável para os tempos modernos. Hoje o relativismo sentimental, a promiscuidade, os relacionamentos esporádicos, o aborto, são a verdadeira solução, e atrasado será quem considerar o contrário.

2.2.2 Religião

Antes de falarmos criteriosamente a definição de religião e como sua decadência está pungente em nossa modernidade, é mister relembra a constituição ontológica do homem.

O Homem, como nos ensina Ramon Lucas Lucas, é um “espírito encarnado”. Falar sobre a pessoa humana é considerar duas realidades que estão algemadas, e fazem do homem

o ser criado mais digno de admiração. O homem é o corpo e a alma, matéria e espírito, imanência e transcendência, ou seja, o homem inserido no mundo possui materialidade, seu aspecto limitado pelo “estar-aqui”, possui uma corporeidade e sensibilidade. O homem, contudo, não se reduz a isso. Ele possui uma alma, elemento constitutivo de pessoa que o faz transcender dessa realidade material, ou seja, ir até uma realidade que está para além dos seus sentidos. “O homem é um ser que está no mundo, mas que é projetado ao infinito”.

Diante desse quadro introdutório, podemos melhor abstrair o conceito de religião, justamente por que este evoca não só a materialidade do homem, mas seu aspecto transcendente.

O problema toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo. Pode caracteriza-se o religioso como zona do sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião tem há ver com o sentido último da pessoa (...), por religião entende-se a relação do homem com Deus (Zilles, 1991 p. 6)

Religião é essa abertura do homem ao Absoluto, um profundo desejo de se encontrar, manter um diálogo como o fundamento primeiro de seu ser, de sua existência. Então, podemos consistentemente falar que o homem através da religião, se encontra com aquilo que lhe é mais profundo, o seu próprio ser, pois Deus revela ao homem a sublime verdade, pois sendo Ele a suma verdade, nada pode passar despercebido ao ser pleno e infinito saber.

Partindo desse pressuposto de que o homem naturalmente é aberto ao transcendente e necessita desse mesmo Ser para preencher seu inteiro, fica claro constatarmos a crise desse valor na sociedade hodierna. Dizemos que Deus preenche o interior do homem, porque somente ele, poder-se-á encontrar respostas plausíveis sobre o princípio de tudo, e daí então o intelecto humano poderá repousar na verdade na verdade; é em Deus que o homem se deleita na posse do Bem supremo e eterno. Uma vez o homem não encontrando com Deus, todas essas respostas ficam vazias de sentido, e então, a sociedade passa por momentos profundos de crise. Daí tem-se a necessidade do homem pelo Absoluto, e o próprio Absoluto como resposta satisfatória para as mais originárias perguntas.

Quase se pode dizer que, pela primeira vez na história da humanidade, a negação de Deus assume um caráter tão capital, através desse esvaziamento gradativo do divino que se traduz por uma atribuição gradativa do valor absoluto a entidades relativos. É o que podemos chamar de ascensão dos mitos e a deslocação do sentimento místico de adoração, de seu objeto necessário que é Deus a valores relativos. Daí os ídolos

modernos – o poder, a raça, o dinheiro, o luxo, o partido político, - cuja competição dá ao nosso tempo esse aspecto confuso, ambíguo ou trágico, em que vivemos (Maritain, 1977, p.15)

Mais um dos valores está sendo desligado do arcabouço dos valores humano. A religião não tem sido assumida como valor, justamente porque o relativismo, o indiferentismo, e peculiarmente o materialismo têm se apossado de nossos ideais comuns.

Buscar Deus, se rebaixar aos ditames da fé, se deixar conduzir por uma fé no imaterial se tornou algo irracional em nossos tempos. O que se busca constantemente é algo palpável, aquilo que produz em efeito rápido, seguro e lucrativo. Principalmente se esse objeto for inacessível ao mais íntimo da consciência, do íntimo do ser, pois lá se encontra um vazio existencial tão profundo, que a mudança desse estado seria doloroso e fatigante. Deus nesse caso provocaria um grande desassossego.

Em tempos modernos

A posição entre fé e razão causa a separação entre o mundo de Deus e do homem. Afirma-se que os mandamentos de Deus não têm verdadeiramente a capacidade de iluminar as opções cotidianas dos indivíduos e das sociedades inteiras, que não há nexos intrínsecos entre fé e moral (Ibidem, p.33).

Querer se encontrar com Deus e assumir o caráter religioso é fazer eclodir uma enorme fenda entre o ‘prosperismo’ (mania de progresso desordenado), muito definido pela modernidade, e o senso de respeito, solidariedade e responsabilidade que os homens devem ter entre si. Nesse contexto, Deus macula a liberdade do homem. Nesse contexto, Deus macula a liberdade do homem, por isso, mais vale um homem que tem possessões do que um fajuto qualquer que carrega consigo sonhos, desejos utópicos, ou mesmo um coração extasiado pela beleza do sagrado, pela grandeza de Deus.

O homem se torna rival de si mesmo no que tange à busca de um fim único para todos, a plena realização da pessoa humana, pois o homem nega as suas origens, nega o Ser capaz de lhe trazer o bem necessário. O homem está negando a transcendência em função de uma imanência debilitada e frágil. Infelizmente, assim dita moda.

2.2.3 Liberdade

Como fizemos antes, iremos iniciar esse ponto sobre a liberdade procurando saber o que ela é para depois vermos as suas implicações. “A liberdade é entendida como ausência de

constrangimento e a possibilidade de cumprir ou não cumprir determinada ação, quando já subsistem todas as condições requeridas para agir” (Mondin, 1997, p. 472).

Com essa definição fica evidente o grande peso que carrega o homem como portador da liberdade.

De modo complementar ainda podemos dizer que:

A liberdade é o poder baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar atos deliberados (...). A liberdade comporta a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, portanto, de crescer em perfeição ou de definhando (CIC n 1731, 2000, p. 472).

Dessa forma, o homem carrega consigo todas as possibilidades de edificar sua vida ou destruí-la, uma vez que a liberdade está plenamente em suas mãos.

Tendo a consciência tomado posse dessa capacidade, de escolher entre isso ou aquilo, surge no homem sua independência, que se processa cotidianamente na própria auto conservação e autopreservação do próprio ser. Ser independente é poder caminhar com as próprias pernas rumo ao objetivo já traçado e desejado. Até então nenhuma crise, nenhum problema. O que realmente ocorre é uma cauterização dos valores morais dentro desse âmbito independente do homem. Com a ausência de valores construtivos no pleno exercício da liberdade, o homem se trona demagogo em suas atitudes, não se fundamenta na busca perfeita do bem, mas se auto escraviza em desejos que fogem do bem da pessoa, mas que foram eleitas por ela mesma obedecendo a liberdade, conforme explicamos acima.

Prima-se por uma liberdade infinita, absoluta e ilimitada no que tange a eleger qualquer coisa para a vida, e dentre elas, contra valores que massacram a pessoa e desestruturizam seu pleno desenvolvimento.

“A idolatria da liberdade faz parte das graves deformações de nosso tempo. Alguns creem que a liberdade é um absoluto. No caso extremo, pode-se fazer uma cisão entre liberdade individual e a natureza comum a todos” (Ibidem, p.29). Olhando essa afirmação, pode-se perceber que, a soberania da liberdade individual, carecendo de um olhar longemirante até os demais indivíduos, acaba gerando o indiferentismo, onde cada qual procura o seu, e aqueles que não têm o mesmo destino afortunado, acabam servindo como escada.

A absolutização da minha vontade e da minha liberdade se torna meio caminho andado para a desgraça do homem, pois ele acaba elegendo valores relativos para seu

egoísmo, e se apartando da natureza comum dos valores, termina por se sufocar na imperfeição dos mesmos.

Exemplo bastante claro disso é constatável na realidade de nossa juventude. Ao se afirmarem como “livres”, escolhem para suas vidas caminhos egoísticos como as drogas, o sexo, as festas, que acabam por reduzir esse mesmo jovem a condições humilhantes e vergonhosas, pois em nome de sua liberdade não formada e educada, ocorre o afastamento dos valores que gerenciam o bem social.

Viver livremente é também olhar em volta, considerar o outro como um ser livre e que igualmente busca a auto realização. Por isso a liberdade deve ser orientada para o bem pessoal, que por sua vez possa ser conjugada com o bem geral, e mais ainda, que esse mesmo bem possa estar de acordo com o bem supremo, e que tal liberdade possa se aproximar o máximo possível com a essência da verdadeira liberdade, que se encontra no ser de Deus:

La libertad humana es finita porque el ser del hombre es finito y posee un grado de perfección que es participación del Ser Subsistente. El ser finito es tanto más perfecto, cuanto más participa y depende del Ser. De esta manera la libertad humana es participación de la libertad divina y es tanto más perfecta cuanto más depende de Ella (Lucas, 1999, p. 174).

Para que o homem não use desenfreadamente sua liberdade, é necessário seguir as normas morais, pois elas uma vez condizendo com a lei moral natural, conduzem o homem ao bem e a verdade, e só assim, a pessoa humana se aproximará do ser perfeitíssimo de Deus, dando frutos preciosos, tanto para si mesmo, como para a coletividade.

2.3 Os frutos da falta de valores

Até então falamos muito sobre as concepções sociais a respeito do exercício dos valores morais, agora iremos esclarecer as reais consequências de toda essa vivência sem uma reta moralidade.

Partindo para o concreto, percebemos os resultados não muito benéficos dessa confusão moral. Tudo parece carecer de ordem, tudo está uma bagunça.

Começando pela realidade familiar, temos diante de nossos olhos um grande número de divórcios, separações e brigas dentro do lar. Uma vez que a família foi sendo edificada sobre falsos valores, a própria família sofre consequências. Nunca se viu como agora tantos casos de aborto, de abandono familiar, de marginalidade e prostituição infantil, de tráfico de drogas realizado por menores, de jovens sem limites que andam pelas ruas a procura de

parceiros sexuais e companheiros para as drogas, de jovens embriagados pelo consumismo, querendo sempre ter, de jovens que matam os próprios pais para manterem um relacionamento infantil e medíocre, de jovens rebeldes e apáticos ao relacionamento social. Tudo isso e muito mais é reflexo de uma família que não soube dar aquilo que sempre se precisou, valores como: responsabilidade, educação, paciência, respeito.

Não podemos nos esquecer de adultos, que também são frutos de famílias sem valores morais. Tantos políticos corruptos, profissionais falsos e desonestos no exercício de suas profissões, patrões injustos que manipulam o trabalho de seus empregados, influenciadores de menores para a vida da prostituição.

Isso é o que encontramos em nossa sociedade, um panorama desolador, que igualmente é reconhecido por aqueles que continuamente se perguntam a respeito da vivência dos valores, e de modo similar também atestam essa situação de profundo abandono dos valores:

Na atualidade, o panorama geral parece mais poluído, densamente saturado de imoralidade desumana. A onde crescente de todos os tipos de violência e de desrespeito pela vida humana alheia, manifesto no número de abortos, desastres nas estradas e acidentes de trabalho, os muitos casos de corrupção e crimes de colarinho branco, a impunidade dos grandes criminosos, os abusos de poder e suas consequências, a desordem na administração pública e suas muitas vítimas e tantos fatos formam juntos uma esfera global de negação da moral (Anjos, 1988, p. 282).

Em função dessa má estruturação familiar, os problemas continuam a aparecer também no campo psicológico das pessoas. Fazendo referência ao senso religioso, quando o homem se afasta de Deus e esse engendra por caminhos alheios ao plano transcendente, nada mais acontece do que a falência do homem. Ele mergulha num vazio existência profundo, pois nega o seu fundamento, seu princípio e fim último, dessa forma a vida se torna insossa e sem brilho. Em decorrência disso surge a depressão, considerada o grande mal do século.

Como consequência desse mal, surgem as crises no homem, pois ele passa a não saber porque continuar. A família, novamente, se torna alvo, pois ocorrem as separações, o abandono do emprego, o afastamento do convívio social e por fim, como uma tentativa angustiada de salvar-se, ocorre o suicídio.

O relativismo religioso incide também no comportamento de jovens e adultos. Por não aceitarem os valores morais, que são meios para a perfeição do homem, tais como solidariedade, compromisso, justiça, renúncia e desapego, tais pessoas passam a considerar

sua liberdade como absoluta, e partindo daí, passam a querer indiscriminadamente produtos e bens, que mesmo fazendo o bem para o corpo, não permanecem somente nesse aspecto, acabam escravizando o homem.

Ainda nessa temática do possuir vemos que *“na sociedade urbana atual, a diferença de modos de viver entre ricos e as massas pobres é gritante e as distâncias entre as classes sociais em termos de poder e posse crescem sempre mais”* (Idem, p.281).

Em outro ponto da vida humana onde desabrocha o desejo de poder é no campo da sexualidade. Muitos homens e mulheres mantêm um relacionamento de posse e não de amor recíproco. Estão em busca de posse do mero prazer e nada mais. P eu que reside dentro daquele belo corpo fica esquecido e desprezado, aumentando ainda mais a solidão do homem, que no silêncio da vida se angustia em saber que tudo que não passou de momentos, e o que realmente permanece é a dor do vazio.

Quanto exteriorismo a sociedade vive, e ainda mais, quanto vazio exterior! A cada ano, novos meios para preencher o externo, o físico, são criados. Novas maquiagens, novas roupagens, novos adereços, novos carros, novos sons e ainda mais possantes, muito barulho, tudo para esconder um íntimo sombrio, a margem da penumbra e da morte. Cultuamos o externo, e sepultamos nosso interior, tudo em consequência da falta de amor na família, um abandono de Deus e um péssimo uso da liberdade.

CAPÍTULO III

A NECESSIDADE DO RETORNO AOS VALORES

Depois de termos percorrido todo esse laborioso caminho filosófico, mostrando os grandes e graves problemas sociais envoltos a crise dos valores, buscaremos evidenciar a real e urgente necessidade de trazer de volta o verdadeiro significado dos valores, suas contribuições benévolas, e como contribuem para a edificação moral, social e transcendente do homem.

3.1 Tomar consciência e reedificar os valores

Antes de mais nada, para que a realidade social passe por um retorno aos valores, se faz necessário uma verdadeira tomada de consciência a respeito de tudo o que está acontecendo no campo moral e de como estão sendo encarados os valores morais. Tais constatações podem ser encontradas no capítulo anterior, onde abordamos a temática da crise dos valores: familiar, religiosos e da liberdade do homem.

Enquanto não houver uma adesão firme e estável para com a necessidade de mudarmos a realidade moral, permaneceremos tal e qual, sofrendo as mesmas consequências, perpetuadas ao longo dos séculos, e sempre a clamar por alguém que possa, sozinho, erguer a voz e tentar algo. Todos os membros da sociedade, sejam pobres ou ricos, brancos ou negros, escravos ou livres, todos devem perceber, tomar consciência que, da forma que o mundo está a caminhar, muitas situações não se resolverão, ou mesmo, muitos casos poderão se tornar uma desordem ainda maior.

“A consciência está longe de ser passiva, como um receptáculo impotente. Ao contrário, ela tem uma autoridade que lhe promove a dignidade” (Desclos, 1998, p. 114), e é embasada nesse princípio, que a sociedade poderá salvar-se da degradação moral, impulsionando novamente seus cidadãos a erguerem a bandeira dos valores morais que promovem e edificam as famílias, os homens e mulheres de bem.

Permanecer no indiferentismo, considerar tudo perdido, é dar asas ao imobilismo moral e ao completo desprezo pelo bem comum, é considerar a pessoa humana como centro da ação moral, é considera-la como animal passível a todo tipo de desmerecimento, de valor,

de dignidade, e a esse respeito, podemos dizer que quando o homem age em função de si mesmo, surge o egoísmo e,

O egoísmo é o mais deletério inimigo de uma sociedade ordenada: a história mostra qual devastação dos corações se produz quando o homem não é capaz de reconhecer outro valor e outra realidade efetiva além dos bens materiais, cuja busca obsessiva sufoca e impede a sua capacidade de doar-se (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 2005, p.323).

Lutar pelos valores é acreditar que o homem nasceu, cresceu e está aí para dar certo e promover riquezas, não apenas materiais, mas sobretudo riquezas que elevem o homem a alturas condizentes com seu valor ontológico de pessoa humana, espírito e corpo.

Até agora, este escrito filosófico está transparecendo um ar de utopismo, de ideias mirabolantes de um jovem que despertou de um sonho e que num estalar de dedos se achou como um super-man, apto a salvar o mundo com seus punhos de aço, sua velocidade incomparável e seus ideais pungentes. Não. Tudo isso, até então mencionado, não é apenas sonho, é um ideal de verdade que a sociedade urgentemente necessita, e que pode ser instaurado, uma vez que os indivíduos abandonem seu estado de descrença e busquem meios para a promoção da dignidade humana, seja ela individual ou social, que está fundada na vivência de valores morais verdadeiros e que condigam com a plena vontade do Criador na vida da criatura, mediante a lei moral natural já inscrita no coração do homem.

Depois de tomarmos consciência desse quadro deficitário, o homem deve engendrar-se por galgar os umbrais da moralidade até então depravada e promíscua, decretar um basta e reedificar o edifício antes destruído pela insuficiência ética do homem moderno.

3.2 Reedificar os valores a partir do amor e da verdade

Iniciando essa reconstrução, ou mesmo, essa reedificação dos valores morais, tenhamos em mente o seguinte: *“para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social, fazendo dele a norma constante e suprema do agir”* (Idem, p3 323).

Reedifiquemos o “amor” como valor supremo nessa empreitada. Se de fato o homem inserir esse profundo sentimento e valor em todos os empreendimentos, a sociedade tomará outro norte. O amor valoriza a vida, salva a família do desfalecimento, assegura ao homem a liberdade, dá ao coração a segurança de repousar em Deus.

Retornar aos valores centrais como esse é não permitir que a sociedade caminhe desse mesmo modo. Voltando às fontes, iremos iniciar nossas vidas familiares de outra forma, e não simplesmente embasado no sexo, no prazer, mas também na confiança, na solicitude fraterna de uma para com o outro. Dessa reciprocidade fecunda, desse amor maravilhoso, que é fundamento dos relacionamentos, surge o dom da vida. O valor da família assegura o dom da vida, que por sua vez, só é possível através do valor do amor, que sabe se doar, se entregar em sacrifício. E o mais esplendoroso é saber que, mesmo se a família passar por dificuldades, tiver que enfrentar as ondas encapeladas da vida, se esta tiver suas raízes solidificadas no amor, tudo será superado.

Quanto à religião e a abertura do homem a Deus, se o homem novamente direcionar sua vida no valor da verdadeira religião, profundamente permeada de amor a Deus, poderá ele se preencher do vazio existencial que antes o afligia, e seguir avante. Novamente o homem coloca Deus no centro, não fugindo de suas responsabilidades, mas direcionando sua ação, sua liberdade, para a vontade de Deus, que deseja a perfeição do homem, e este que por sua vez deseja profundamente esse acesso até Deus. Sendo assim, podemos dizer que *“o homem é capaz de assemelhar-se a Deus, como Deus é desejoso de assemelhar-se ao homem. O homem é capaz de verdade, porque reflete a verdade de Deus e é participante, mediante a razão, da inteligência de Deus”* (Ibidem, p. 274).

Direcionar a vida pautada no valor do amor a Deus, não é negar as potências do homem, minimizá-lo e rebaixá-lo ao simples “sim” que a fé exige, mas é levar o homem à mais alta dignidade de criatura racional e volitiva, capaz de perscrutar as grandezas do criador e tornar-se cada vez mais próximo de sua beleza e perfeição.

A liberdade também necessita se encontrar com sua fonte, seu princípio, ela que tem sido deturpada e vilipendiada, como já dissemos no capítulo anterior. A liberdade precisa ser vivida de acordo com a verdade, na qual se fundamenta. Ela tem um valor que deve ser submisso a verdade, senão se torna estéril, esterilidade essa muito compartilhada em dias atuais.

Dizemos que é na verdade que a liberdade se funda, justamente pelo fato do homem só conseguir encontrar sua realização na verdade e no bem. A consciência nunca repousará na mentira, pois esta anula a certeza que o homem deseja portar consigo.

Diante dessa realidade, enquadraremos o homem livre como aquele que busca sua plena realização, que por sua vez nunca se dará no erro e na mentira. Dessa forma, uma vez caminhando nos caminhos da verdade e da certeza, o homem possibilita a si todas as respostas e anseios. É no cotidiano que o homem atesta essa verdade inalienável, ou seja, quando o

homem se vê enganado e livremente tende para tal situação, ele se desespera, tenta refazer o que fez, pois sua consciência não permite que o erro e a mentira lhe sejam causa de felicidade, justamente porque ambas são uma carência de bem, logo, não podem preencher os desejos humanos.

Quando afirmo que a liberdade dá-se em sua submissão à verdade, muitos são os sentidos então possíveis: o sujeito humano, agindo, deve submeter-se a Deus, à sua vontade na obediência; o livre agir deve estar livre nas falsas liberdades e submetido ao único verdadeiro bem na disciplina imposta pela razão (Idem, p.89)

Enfim, assumir todos esses valores, nada mais é que assumir a própria essência do homem, e validar o grau máximo aquilo que o homem carrega consigo, que são valores oriundos da lei moral natural. Em suma, retornar aos valores e reedifica-los nessa sociedade é, sobretudo, olhar para si mesmo e fazer eclodir a presença de Deus, tão sufocada pela nossa correria, e deixar que Deus fale. Pela necessidade que se tem de validar os valores morais em prol da dignidade humana é que dissemos que o homem necessita retornar às fontes, e a fonte do homem é Deus em sua infinita sabedoria.

3.3 Os valores que nos encaminham para Deus

Depois de termos percorrido todo esse caminho, falando sobre os valores, sua decadência e necessária ascensão, estamos diante de um porto seguro que nos faz encarar os valores e assumi-los com veracidade, que é a pessoa excelsa de Deus, que funda a existência de tudo, inclusive dos valores.

Como dissemos no início deste trabalho, “os valores fundamentais são aqueles sem os quais o homem não pode existir nem realizar a si próprio como indivíduo e como ser social” (Mondin, 1997, p.249), diante dessa certeza de que os valores são fundamento para a realização individual e social, nos perguntamos, já em últimas instâncias, pelo fundamento de tais valores. Se eles são tão necessários e importantes, o são ainda mais aquele que os fez ser assim. Assim chegamos a Deus, como sustentáculo único, forte e eficaz para a promoção do ser humano.

Justamente porque são recíprocos a nós e reclamam de nós uma submissão total, os valores fundamentais não podem ser obra nossa, mas de alguém que está acima de nós, numa última instância, de Deus mesmo. Eles são pesados de mais para os ombros de uma pessoa individual ou de apensa um grupo social.

Eles só se sustentam se forem munidos de um fundamento transcendente, sobrenatural, religioso, que, afinal, só pode ser Deus (Idem, p. 250)

Diante desses pressupostos filosóficos da ação de Deus como protagonista dos valores fundamentais, passamos a considerar novamente, a grandeza dos valores, pois sendo estes fundados pela ação de Deus, não podem conter em suas essências a marca da separação ou desilusão. Os valores, de fato, conduzem o homem ao encontro da verdade, que o aperfeiçoa, que dá a ele a capacidade de viver a unidade. Embora o homem, com o mau uso de sua liberdade, deturpe tais valores, sua objetividade e a força de sua essência são, deveras, formadoras da sociedade, em muito limitada pela ação humana, mas muito eficaz, se tomada no seu todo.

Inicialmente podemos concluir que os valores são bons, provenientes de Deus e formadores do homem. Agora passamos a considerar tais valores como caminho seguro até Deus.

Se seguirmos a seguinte lógica, não será difícil entender a contribuição dos valores na vida humana.

Deus é sumamente bem, princípio de todo bem. Ele no seu agir dá às criaturas graças necessárias para cumprirem suas finalidades, cada qual no seu estado de vida. Deus não pode dar senão ele mesmo, pois sendo essência sua própria existência, e vice-versa, Deus, mediante sua graça, se doa, se manifesta ao homem. Todas as graças que Deus concede aos homens são para estes alcançarem a finalidade de suas existências. As perfeições que os homens estão constantemente buscando são a verdade e o bem, onde a razão repousa e se deleita na verdade, e a bondade se deleita no bem. Nesse mundo contingente e limitado, a verdade e o bem das criaturas acabam sendo superficiais e contingentes, no que tange a busca pelo supremo bem e verdade. De fato, para que o homem encontre a perfeição, se faz necessário que ele, então, repouse no próprio Deus, pois ele é a suma verdade e sumo bem.

Aqui entra o papel dos valores como caminho para que o homem chegue a esse mesmo Deus. Como dissemos, Deus não pode dar outra coisa senão ele mesmo. Dessa forma, os valores fundamentais são provenientes de Deus, então eles portam consigo a bondade, a beleza e a perfeição de Deus, cada valor com sua capacidade, equivalente a sua essência, logo, a graça de Deus de modo limitado. Se o homem faz jus a tais valores, e se apossa deles como meios, poderá caminhar para o bem e para a verdade por ele tão querida e que está presente nos valores, de modo limitado, mas que tais valores apontam, senão, para o seu princípio, sua razão de ser Deus.

Dessa forma, o homem vive aqui os prazeres contentamentos que os valores fundamentais podem dar, e poderá gozar futuramente das realidades que esses mesmos valores prefiguram, a saber: a sociedade desfrutada mediante o convívio íntimo com o próprio Deus.

Este fim de capítulo pode parecer tendencioso, uma vez que os leitores ateus o desfrutem. Viver os valores não deve ser encarado simplesmente como uma realidade religiosa, ou mesmo, não devemos assimilar vivência dos valores como este ou aquele credo religioso. Viver os valores e estender tal vivência até o convívio social é, antes de tudo, um compromisso do ser humano com sua própria humanidade, pois diante dessa realidade, o homem tende a buscar os meios verdadeiros e seguros para que ele encontre sua felicidade. E diante das definições já apresentadas nesse trabalho a respeito dos valores, tal necessidade do homem encontra sua devida resposta. O anseio natural pela verdade e pelo bem é correspondido pela natureza dos valores morais, um verdadeiro e frutuoso encontro, que além de trazer ao homem o deleite tão desejado, faz com que toda a sociedade, em todos os tempos e lugares, também saboreie desses frutos.

Embora as religiões preguem a veemência os valores morais, a sociedade deve primar por eles não simplesmente por convicções religiosas, mas pela força da própria essência do homem que não se contenta e não aceita de forma alguma, viver o ilusionismo e na falsidade. Pelo contrário, uma vez ameaçada sua integridade moral e sua índole, o homem reclama, e com razão, seus direitos. É sob esse prisma que devemos buscar instaurar na sociedade moderna os princípios morais tão discutidos durante todo esse trabalho e não permitir que a ignomínia predomine em nossa sociedade, mas antes, que a verdade seja o grande estandarte elevado às alturas, donde todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares, em todas as raças e culturas, possam desfrutar e orgulhar-se de serem defensores do bem, ou seja, dos valores morais, que encontram em Deus seu princípio e no homem seu guardião e propagador.

CONCLUSÃO

Depois de termos falado sobre a vida moral do homem e seu relacionamento com os valores fundamentais para a vida, podemos agora tirar nossas conclusões, pautados na certeza que esse mesmo homem possui dentro de si anseios e desejos profundos que a modernidade, em sua superficialidade, imediatismo e indiferentismo, nunca poderá dar a satisfação necessária e a resposta realmente verdadeira, pelo contrário, tende incisivamente a corromper os valores já estabelecidos, com a suposta desculpa do progresso, do crescimento, que não pode conciliar-se com a tão batida tradição. Retornar aos valores é contrair a modernidade, é buscar a verdade e o bem em suas fontes mais primitivas e singulares, e estas não podem ser encontradas em nosso novíssimo século, muito preocupado com tudo, mas que acaba se esquecendo de recolher o realmente necessário.

Muito se fala de ética nos dias atuais, todos clamam por um mundo melhor, sem desrespeito, sem ameaças para a vida humana, muitos clamam por um trabalho mais digno da pessoa humana, muitos clamam por um governo que respeite o cidadão e olhe para suas necessidades. O mundo pede, suplica por um mundo mais humano. Tudo isso presenciamos e atestamos cotidianamente. Mas se todos pedem, por que ainda o mundo continua tal e qual? Respostas para perguntas como essa, este mesmo homem tem buscado, mas não tem encontrado, justamente por se ver cercado de circunstâncias que não permitem dar devidas respostas, por serem desprovidos de mecanismos para tal, como por exemplo, nossa empresas, que não dão tempo para o trabalhador refletir, discutir e se interagir com os demais membros da sociedade que estão preocupados com tal situação, pois o capital urge ser produzido; em nossas ruas, avenidas e praças, o barulho infernal impede que o homem pense em sua vida e constate uma real necessidade de mudança; nossas escolas estão tão abarrotadas de alunos que a convivência se torna conflito, e em momentos para uma eventual reflexão as altas e pesadas músicas ocupam o espaço, com suas letras vazias de conteúdo e dignas de repugnância; nossos clubes, praias, parques e estabelecimentos de lazer se tornaram cenário de batalha erótica, onde todos ficam à mercê do sensualismo, não se importando com a pessoa, mas com o objeto de prazer que está vindo e indo, e que não pode ser perdido de vista.

As respostas pra tais problemas sociais, para esse mar de violência que incide contra a pessoa humana e violenta sua dignidade, estão naquilo que chamamos de exigências originárias, que são justamente a fonte dos valores mais caros ao homem e que só podem ser encontrados no mais íntimo do ser humano, onde se encontram inscritas as leis mais perfeitas e salutares, deixadas pelo Criador como mapa-guia, como norte, para que essa mesma humanidade não permanecesse à deriva, buscando respostas no vazio existencial de uma vida sem princípios. Uma vez atestado a existência das respostas e onde elas se encontram,

percebendo que a sociedade vive em crise porque deixou de lado tais respostas, adentramos no ponto central dessa monografia: levar o homem a voltar novamente para suas fontes.

Percebida a crise, deve-se procurar o remédio, sendo que tal remédio não está alheio ao homem, mas faz parte de sua constituição mais profunda e íntima, são as leis inscritas no profundo ser do homem, de lei moral natural já explicada nesse trabalho.

Todo esse intento filosófico caminhou apoiado nesse princípio, de que Deus, o sumo Bem, considerando a fraqueza humana, mas querendo ficar sempre com essa criatura, deixou meios eficazes e reais para que o homem encontrasse sua felicidade, de forma que a vida fosse mais plena de sentido, e tais meios se expressem, se materializem, se manifestam nos valores fundamentais à vida humana, a saber: dignidade da pessoa humana e preservação do seu direito à vida, juntamente com todos os direitos e deveres; profundo respeito ao outro; vivencia do amor sincero que edifica o ser humano; bem estar econômico assegurado, e que estão sendo perdidos, mas que devem urgentemente serem retomados e novamente encarados como meios eficazes para a realização do homem, pessoalmente e individualmente.

A única coisa que nos basta pra que sejam instaurados novamente na história do homem tais valores, até então esquecidos, é basicamente uma adesão fiel a essa proposta de retorno. O homem deve olhar para os benéficos frutos dos valores, até então considerados como caducos, tradicionais e ultrapassados e revitalizá-los, dar a eles novo ardor, nova confiabilidade. Uma boa parte da sociedade tem consciência da real situação em que vivemos, e mais ainda, sabe como pode reverter tal situação. O que nos falta é aderirmos a esse projeto e irmos avante, mas enquanto isso não acontece, ainda surgirão homens e mulheres preocupados em mudar a situação social que envolve a vida dos valores, prestarão contribuição para a sociedade, e com certeza, não desistirão, até o dia em que mais pessoas abracem essa mesma causa, e não se contentem com os desumanos e pernósticos tratamentos para com a pessoa humana.

Quiçá que essa mudança ocorra num futuro bem próximo, e que o homem desperte para a vivência dos valores, que nada mais é que o encontro com os anseios mais profundos e íntimos que o homem pode carregar consigo, e que só poderá repousar em paz na posse do eterno e único, que é Deus, e que se faz valer de meios muito eficazes e simples como a vida, a família, a religião e a liberdade humana, para que esse mesmo homem encontre o sentido da sua vida e que possa haurir dessa existência os mais perfeitos deleites provenientes da verdade e do bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Marcio Fabri dos (coord). *Temas Latino-Americanos de Ética*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-Moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BORGES, Maria de Lourdes. DALL'AGNOL, Darlei. DUTRA, Delamar Volpato. *O que você precisa saber sobre Ética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

DESCLOS, Jean. *O Resplendor da verdadeira liberdade*. Anotações sobre Veritatis Splendor. São Paulo: Paulinas, 1988.

FRAGA, Gustavo de. Valor. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, 1989, vol. 5. P 391-99.

LUCAS, Ramon Lucas. *El Hombre: Espiritu Encarnado*. 2. Ed. Salamanca: Ediciones Signeme, 1999.

MARITAIN, Jacques. *Problemas fundamentais da Filosofia Moral*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

_____ *A significação do ateísmo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

MONDIN, Batista. *Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre Ética*. Petrópolis – SP: Vozes, 1997.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 1991.